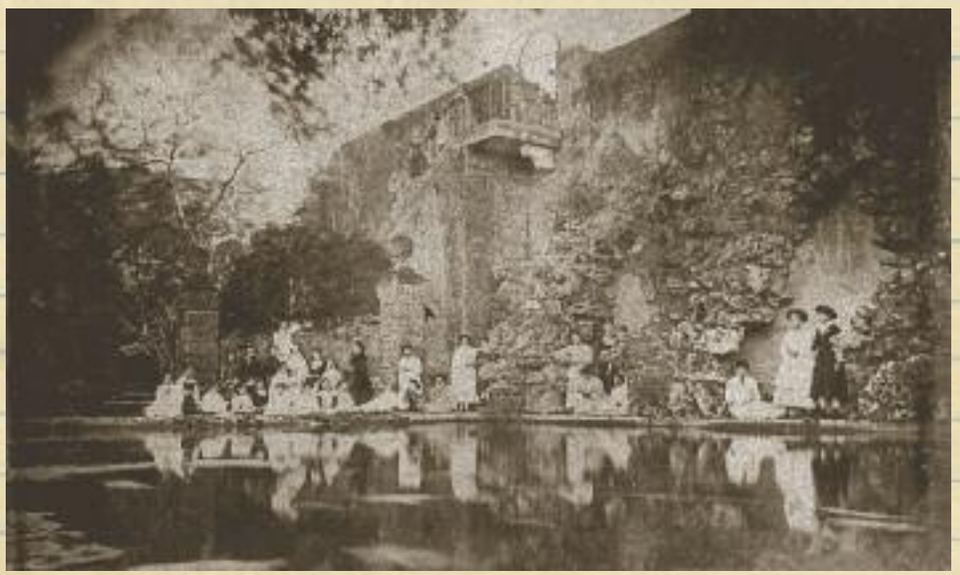
A

vida é curta para mostrar, por obras,
os ardentes desejos do nosso coração.

Desejo fazer o bem na minha vida
e não encarregar os outros de o fazer.
Só a morte põe fim aos meus esforços.

Deus olha, sem dúvida, para mim
com ternura do alto da sua grandeza,
sorrindo-se das minhas dúvidas
e vendo ser fácil o que para mim me parecia impossível.

Thereza de Saldanha



↑ **capa:** Teresa de Saldanha com alunas e Irmãs junto ao lago na Casa de São Domingos de Benfica

↓**três páginas seguintes:** livro das primeiras Constituições da Congregação

Constituições
das
Irmãs da Congregação de Santa
Catharina de Sena, da Ordem
Terceira Regular de S. Domingos
em
Portugal

Huma Irmãa cahir por casualidade [illegible]
da Casa, se não dirigir a chorar os pecados
abstinencias, nos quaes são obrigadas as Irmãas
Coros, onde sua Irmãa cahio.

Os semidos não durmão em [illegible]
mas em Camas e Mandado cada qua as Irmãas
Irmãa da Cadeia forca para assistirem [illegible]
Cellas do Cubiculo, [illegible] cada [illegible]
tão, mas [illegible] da comida bem preparada
e nos dias de festa a Superiora poderá
dar accrescentar outra alguma comida, mas
sem por isso e melhor, nunca [illegible]
Silencio, nem fora do refeitorio, grandes jantares

Mandamos Irmãa, nem [illegible]
Ramos Verde, sob pena alguma separada
no refeitorio, e nas dias que para isso [illegible]
Especiaes, marcados pelo [illegible]

Quando a Superiora [illegible]
necessario Superiora alguma Irmãa
do Jejum, ou da abstinencia, a Irmãa
que for dispensada é uma obrigação
cumprilas em simplicidade a contra
da sua Superiora, que milhor sabe o que
convem a cada uma das Irmãas.

Capitulo X

Das Obrigações de caridade
de que as Irmãas se encarregão

Artigo I.
Das obras de caridade.

As Irmãas devem [illegible] particularmente a educação da mocidade, e ensinar as [illegible] de meninas os pobres e ricos, procurando por todos os meios trabalhar para a Gloria de Deos e exaltação das almas a imitação do Nosso Patriarcha Santo Domingos.

Nas localidades onde as Irmãas residirem devem procurar fazer o bem, estabelecendo Escolas e Seminarios onde se ensinem as meninas a ler, escrever, e contar, e as mais [illegible] que são uma escola de [illegible] e moralidade, e por isso [illegible] que [illegible] em que se ensinem todas as suas [illegible], ensinando Deos a seus discipulos que recebem no Collegio e comsigo as Irmãas poderão ter Escolas [illegible] para Todos, ainda mesmo sem [illegible] dos Ricos e mandados. E permitido [illegible] as Irmãas tomar a direcção interna d'estabelecimento de caridade como Asylos de Orfãs, Asylos de velhos e velhas, Casas de Misericordia, Asylos de crianças de Mendicidade. Poderão tambem estabelecer para suas escolas nos pobres e donde [illegible] seu domicilio, mas não é permitido [illegible] de vida [illegible]

Indice

Pagina

Regra de Santo Agostinho

Primeira Parte
Da Vida Regular e das suas Praticas

Capitulo I
Da Congregação de Santa Catharina de Sena. 1
Artigo I. Do Fim e do Espirito desta Congregação. 1
Artigo II. Das leis que governão esta Congregação e da sua duração. 2
Artigo III. Da obrigação das leis da Congregação e da sua dispensa. 3

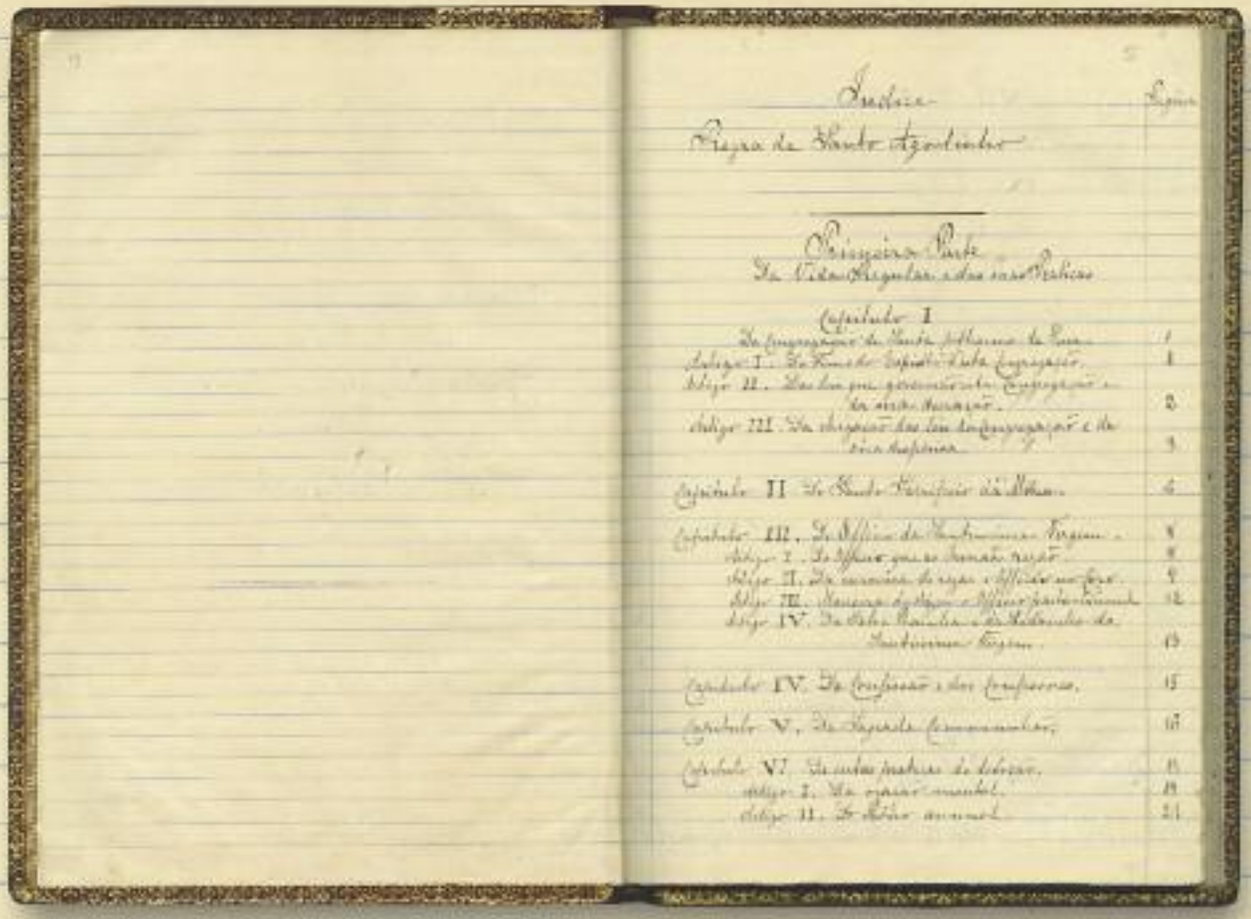
Capitulo II. Do Santo Sacrificio da Missa. 6

Capitulo III. Do Officio da Santissima Virgem. 8
Artigo I. Do Officio que as Irmãs rezão. 8
Artigo II. Da maneira de rezar o Officio no Coro. 9
Artigo III. Maneira de dizer o Officio particularmente 12
Artigo IV. Da Salve Rainha e da Ladainha da Santissima Virgem. 13

Capitulo IV. Da Confissão e dos Confessores. 15

Capitulo V. Da Sagrada Communhão. 16

Capitulo VI. De certas praticas de devoção. 19
Artigo I. Da oração mental. 19
Artigo II. Do Retiro annual. 21



Indice

Pagina de Nosso Senhor

Primeira Parte
Da Vida Regular e das suas Praticas

Capitulo I
Da fundação da Santa Congregação da Cruz — 1
Artigo I. Do Fim do Espirito desta Congregação. — 1
Artigo II. Das suas governação e Congregação e da sua duração. — 3
Artigo III. Da disposição das suas Congregação e da sua disciplina. — 5

Capitulo II. Do Santo Exercicio da Missa. — 6

Capitulo III. Do Officio da Santissima Virgem. — 8
Artigo I. Do Officio que se deve dizer. — 8
Artigo II. Da execução do seguinte Officio da Virgem. — 9
Artigo III. Maneira de dizer o Officio parte cantado. — 12
Artigo IV. Da Vida Regular e do Estatuto da Santissima Virgem. — 13

Capitulo IV. Da Confissão e dos Confessores. — 15

Capitulo V. Do Capitulo Conventual. — 17

Capitulo VI. Das outras praticas de devoção. — 18
Artigo I. Do exercicio mensal. — 19
Artigo II. Do Retiro anual. — 21

livro das primeiras Constituições da Congregação

Teresa de Saldanha

[1837-1916]

uma vida com arte

Congregação
das Irmãs Dominicanas
de Santa Catarina de Sena

Congregação das Irmãs Dominicanas de Santa Catarina de Sena
Sede, Largo de São Domingos de Benfica nº 14, Lisboa

Teresa de Saldanha

[1837-1916]

uma vida com arte

Pintura e Desenho
de Madre Teresa de Saldaha

espólio artístico
Museu Madre Teresa de Saldanha
Congregação das Irmãs Dominicanas
de Santa Catarina de Sena
no Largo de São Domingos de Benfica,
14 –1500-554 Lisboa
|Tel: 351 21 7720020/22 |Fax: 351 21 7720029
|E-mail: dominicanas.scs@gmail.com

O Conselho Geral
Ir. Rita Maria N. Lourenço Nicolau
Ir. Rosa Catarina Pereira Figueiredo
Ir. Rosilene Linares
Ir. Maria Inês Mota e Melo
Ir. Maria Teresa André

Promotores
comemorações
do centenário da morte
de Madre Teresa de Saldanha
[1837-1916]

Congregação das
Irmãs Dominicanas de
Santa Catarina de Sena

Junta de Freguesia de Arroios

Câmara Municipal de Lisboa
Pelouro dos Direitos Sociais

Congregação
das Irmãs Dominicanas
de Santa Catarina de Sena

Madre Teresa de Saldanha [1837-1916]

comemorações do centenário da sua morte:

8 Jan. a 5 Fev. **2016**
Biblioteca de São Lázaro, R. do Saco nº 1, Lisboa
exposição de pintura e desenho da sua autoria

8 Janeiro **2016**
inauguração de **escultura em sua Memória**
Rua Gomes Freire, local onde viveu os últimos anos da sua vida

Dezembro **2020**
mural "um novo sonho de fraternidade"
Congregação das Irmãs Dominicanas de Santa Catarina de Sena,
Largo de São Domingos de Benfica nº 14

Teresa de Saldanha com 43 anos de idade em São Domingos de Benfica

Teresa de Saldanha

[1837-1916]

uma vida com arte

textos

Rita Maria Nicolau
Congregação das Irmãs Dominicanas
de Santa Catarina de Sena

Margarida Martins
Presidente da Junta de Freguesia de Arroios

João Carlos Afonso
Vereador dos Direitos Sociais, CML

Rui A. Pereira
Direcção Artística
Autor da escultura e mural comemorativo

Pedro Sousa Fotografia

Impressão e Acabamento 2021
Palma Artes Gráfica

ISBN: 978-989-54599-3-3

Depósito Legal: 461648/19

Apoio: Manuel Rocha

Produção do mural comemorativo:
Empresa *Lindo Serviço*

LISBOA
CÂMARA MUNICIPAL

Índice

a beleza é a expressão visível do bem
pelas Irmãs da Congregação
Dominicanas de Santa Catarina de Sena, pág.13

Autobiografia de
Teresa de Saldanha [1837-1918], pág.19

entre paredes
uma história de vida emancipada
por Rui A. Pereira, pág.27

Teresa de Saldanha
um espírito de grande tenacidade
por Margarida Martins, pág.33

para que a memória nos permita construir
um futuro melhor
por João Carlos Afonso, pág.37

Homenagem a Teresa de Saldanha [1837-1916]
pelas Irmãs Dominicanas e pela Junta de Freguesia de Arroios,
no Centenário da sua morte, 8 de Janeiro de 2016. pág.41

pintura e desenho
Teresa de Saldanha **uma vida com arte**
por Rui A. Pereira, pág.51

memorial a Madre Teresa de Saldanha
comemorações dos 100 anos da sua morte [1837-1916] pág.89

Madre Teresa do Saldanha [1837-1916]
mural "um novo sentido de fraternidade"
desenho gravado na parede em baixo relevo pág.100

m
re
nha

a beleza é a expressão visível do bem

A beleza da arte faz bem à vida e cria comunhão:
une Deus, o homem e a criação numa única sinfonia;
conecta o passado, o presente e o porvir;
atrai para um único lugar e envolve no mesmo olhar
diferentes pessoas e povos distantes[1].

Esta intuição do Papa Francisco aplica-se bem a Teresa de Saldanha (1837-1916) cuja vida e pintura, continuam a causar o deslumbramento, e a unir gerações, fazendo-as viver em comunhão. Teresa, Mulher cheia de fé e de talentos, foi e continua a ser uma *espécie de centelha divina* ao conjugar a vocação artística de pintora com a intrepidez de fazer o bem sempre, ao serviço da alegria e felicidade do próximo. Ela concretiza o pensamento de São Tomás de Aquino que, na linha dos estetas gregos, considera que, na obra de arte concretamente realizada, a bondade e a beleza se identificam, *in re, o bonum e o pulchrum*[2]. Há, pois, um inevitável convívio dos dois conceitos, bom e belo, podendo-se dizer que *a beleza é a expressão visível do bem*, do mesmo modo que o bem é a condição metafísica da beleza.

Assim, de acordo com o teólogo dominicano, Fr. Marie-Dominique Chenu, a obra artística constitui não apenas uma ilustração estética, mas é um verdadeiro *lugar teológico.*[3] Aluna de mestre

[1] Papa Francisco, na celebração do 35º aniversário de fundação dos Promotores das Artes nos Museus Vaticanos. 28|09|2018.
[2] No concreto o bem e o belo identificam-se.
[3] Cf. Carta do Papa João Paulo II aos Artistas,1999.

Irmãs de diversas nacionalidades com Fr. Bruno Cadoré, Mestre Geral dos Dominicanos. S. Domingos de Benfica, 15.7.2018

Conto com o zelo das minhas filhas
para continuarem a nossa tão querida Congregação,
espalhada por tantos países diferentes". T.S.

Tomás da Anunciação, Teresa de Saldanha foi artista, no sentido específico do termo. Contudo, ela soube ser, acima de tudo, artífice da própria vida, ao fazer dela uma obra de arte, uma obra-prima de amor a Deus e ao próximo, uma intérprete da vontade de Deus na própria existência. As suas pinturas, agora publicadas em livro, espelham aquilo que é a sua personalidade, a sua sensibilidade, a sua mundividência e a sua paixão: Deus, a pessoa humana e a criação.

Na iconografia religiosa Teresa pinta: o *Ecce Homo*, Jesus Cristo – o grande Amor da sua vida – no auge da sua dor, da sua entrega; Maria, a *Mãe Dolorosa*, acompanha o Filho ferido e rejeitado; *Santa Rosa de Viterbo*, uma mulher que, no século XIII, entregou a sua vida a Deus e que nos aparece numa beleza serena, agarrada ao Senhor crucificado.

A pessoa humana é retratada em diversas situações da existência, na sua originalidade, única e irrepetível. Em algumas obras aparece integrada na natureza. Na pintura de Teresa, sobressaem pormenores que nos arremessam à ecologia integral enquanto estreitam os laços ambientais com o social. A pessoa faz parte do meio ambiente por inteiro, está na natureza, com árvores, animais, regatos, grutas. Tudo tem a ver com tudo é um dos temas dominantes da Encíclica *Laudato Si'* do Papa Francisco.

A beleza é chave do mistério e apelo ao transcendente, é convite a saborear a vida e a sonhar o futuro. Teresa podia sonhar com um futuro de artista…, mas ela escutou o clamor do pobre, do abandonado, do doente e, ao ver a precaridade, a ignorância de tantas crianças, de tantas mulheres, em 1869, renunciou à pintura para se entregar a uma obra de arte maior: fazer o bem, procurando tornar a sociedade mais bela, mais justa e mais fraterna. Ligou a beleza ao bem. Foi essa a sua vocação, elevada, exigente, sacrificada… Com mãos puras e desinteressadas, transmitiu a verdade e a beleza, infundindo alegria em tantos corações, oferecendo os frutos preciosos da sua arte, que resistiram ao desgaste do tempo, unindo diversas gerações que hoje as saboreiam com admiração.

Agradecemos ao Artista Rui Almeida Pereira a sensibilidade à vida e à pintura de Teresa de Saldanha de quem realizou obras marcantes: a escultura na R. Gomes Freire e o mural na Casa de S. Domingos de Benfica. É pelo seu talento e dedicação que aparece agora este livro para tornar pública a faceta desta Mulher-pintora que, na sua existência, foi uma obra-prima na arte de fazer o bem e de contagiar muitas mulheres que, seguindo os seus passos, prosseguem o mesmo carisma.

O Conselho Geral
Ir. Rita Maria N. Lourenço Nicolau
Ir. Rosa Catarina Pereira Figueiredo
Ir. Rosilene Linares
Ir. Maria Inês Mota e Melo
Ir. Maria Teresa André

Teresa de Saldanha, ao centro,
com as "Filhas de Maria"
nos 25 anos da sua Fundação
no Colégio de Benfica.

Escultura de Renato Franco, Cláudio Wagner, 2007 |pormenor em grande plano e vista de frontal

autobiografia de
Teresa de Saldanha
[1837-1918]

Nasci a 4 de Setembro de 1837. Fui educada em casa de meus pais, por minha mãe que não se poupou a trabalho algum para me ensinar tudo quanto ela entendia que eu devia saber. Ensinou-me ela mesma o português, francês, história e princípios de música. Para tudo o mais que eu aprendi tomou-me mestres, e neste ponto nunca sofri privação alguma. Tive sempre tudo quanto quis, pois eu tinha uma grande ânsia de estudar e saber, e tanto minha mãe, como meu pai, estimaram sempre satisfazer os meus desejos, neste ponto.

Tendo eu sete anos de idade, minha mãe entregou-me inteiramente à direcção espiritual de um santo padre, o Dr. Lourenço Richmond, um dos superiores dos Inglesinhos. Ele me dizia sempre que fosse fiel a Nosso Senhor, que vivesse só para Ele. Aos dez anos fiz a minha 1ª Comunhão.

Aos quinze anos adoeci gravemente. Formou-se-me uma chaga na garganta, perdi a voz, os médicos me consideravam perdida. Mas minha querida mãe a nada se poupou, e com os seus cuidados procurou salvar-me. Esta doença também teve alguma influência na minha vida, pois podendo entregar-me mais aos meus pensamentos, os contínuos conselhos do meu director,

**O importante é fazer o bem enquanto vivemos,
o futuro está na conta de Deus.** |T.S.

Teresa de Saldanha, ao centro, com grupo de Irmãs, 1888 em São Domingos de Benfica

de tal modo me foram preparando para ser um dia só de Nosso Senhor, que aos dezoito anos, quando completamente restabelecida, meus pais me fizeram aparece no mundo, eu já sentia para isso uma repugnância invencível!

Quantas vezes depois de enfeitada e vestida para aparecer, eu me escondia no canto do meu quarto e de joelhos, com os olhos cheios de lágrimas eu pedia a Nosso Senhor me livrasse dos perigos do mundo e permitisse que eu entrasse na sala do baile e estivesse sem ofender a Nosso Senhor. Ninguém sabia os segredos íntimos da minha alma, e pessoa alguma seria capaz de descobrir o que se passava em mim, pois tendo eu o génio muito alegre, aparecia sempre nos bailes risonha e contente.

Fui pedida em casamento, por diferentes vezes, mas sempre recusei toda e qualquer proposta neste género. Nada me faltava da parte temporal, e assim vivi alguns anos, parecendo a todos muito feliz, mas, no íntimo da minha alma vivia contrariada, custava-me muito ir aos divertimentos do mundo e cumprir com os deveres que a sociedade exige.

Visitava os pobres com a minha mãe, levando-lhes esmolas. De dia em casa estava ocupada, tocava muito piano, pintava também, o que eu muito gostava e assim passava os dias muito entretida.

Aos 18 anos, a 8 de Dezembro de 1855, dia da festa da Imaculada Conceição, fiz uma promessa que foi o laço que me prendeu a Jesus e me deu força para tudo durante as lutas da minha vida.

Foi nesta época que ao pintar o *Ecce Homo*, vi no olhar de Jesus, o apelo de tantas vidas desfiguradas pela fome, a pobreza, a clamarem por mim. Como poderia continuar a pintar imagens de Cristo, se Ele se identifica com essas crianças, mulheres… que precisavam das minhas mãos, do meu tempo, do meu afeto? Foi assim, que renunciei à pintura para, com maior liberdade, me dedicar à arte de fazer o bem.

Por vezes, vinha-me ao pensamento ser religiosa, mas como? Só se fosse para fora de Portugal, pois aqui no nosso país apenas existiam restos dos antigos conventos.

No íntimo da minha alma, estava já desenvolvido o desejo ardente de ser religiosa e que ao princípio tanto me custou a confessar-me a mim mesma que era verdadeiro, pois assustava-me a ideia de o ter. Trabalhos, inquietações de espírito, vendo ser impossível pensar em ir para fora de Portugal para ser religiosa, fizeram-me adoecer. Em Janeiro de 1864, uma horrível doença de pele saltou-me à cara. Eu não podia falar, não podia ler, não podia trabalhar! Seis meses passei fechada no meu quarto, sem haver remédio algum que me suavizasse aquele mal. Minha mãe, coitada! Aflita e apoquentada, não sabia o que havia de fazer para me melhorar. Foi durante esta doença que, vendo grandes dificuldades de obter de meus pais a licença para deixar Portugal, comecei a pensar profundamente como seria possível estabelecer na minha Pátria uma Ordem religiosa activa, que se pudesse ocupar da educação das crianças pobres, que tratasse dos doentes, os visitasse nos seus domicílios. Pensava eu na Ordem de São Domingos, pela grande devoção que andava como herança na minha família paterna. Aqui data o princípio da fundação das Irmãs de São Domingos!

Eu desejava estabelecer uma Congregação no nosso país, mas não sabia como começar semelhante obra, nem via o meio possível de a realizar em tempos tão opostos às ordens religiosas. Mas, Deus que me inspirava estes desejos e que sabia bem o meio de os pôr em prática, olhava sem dúvida para mim com ternura do alto da Sua grandeza, sorrindo-se das minhas dúvidas, e vendo ser fácil o que para mim me parecia impossível.

No dia 1 de Outubro do ano de 1865, Festa do Santíssimo Rosário, tendo concluído a devoção dos quinze sábados, Deus, depois de eu receber a Sagrada Comunhão, deu-me a conhecer que eu devia ficar em Portugal, trabalhar no meu País para estabelecer as Irmãs Terceiras de São Domingos. Recebi uma luz da graça, tão grande, que escrevi ao meu Director dizendo-lhe o que se tinha passado na minha alma e sem dúvida disse: “Deus quer que eu fique em Portugal”.

Começou desde esse momento, tão solene para mim, momento que nunca poderei esquecer e só posso comparar a felicidade que então senti, com aquela grande consolação que a minha alma experimentou no dia 8 de Dezembro do ano de 1855.

Mas, tudo era trevas e eu só via dificuldades! Não sabia como começar! Consolava-me só rezando e pedindo orações. Escrevi para França, a pessoas muito santas, pedindo orações.

Obtive também a aprovação do Senhor Patriarca D. Manuel e consentimento para tratar de restaurar a Ordem Dominicana, em Portugal. Foi a 19 de Março de 1866. Como prova de reconhecimento pela protecção que o Glorioso Patriarca São José se dignou conceder-me, fiz a promessa de que a primeira casa que se fundasse havia de ser de São José, e São José seria o Padroeiro.

Escrevi para Roma ao Rev. Padre Jandel, Geral da Ordem, um dos companheiros do Padre Lacordaire, e obtive todas as licenças para que fossem as primeiras postulantes que se apresentassem, fazer o seu Noviciado no Convento de Sena, Drogheda, Irlanda.

Duas senhoras, uma portuguesa e outra inglesa, partiram de Lisboa a 7 de Novembro de 1866 para irem fazer o seu Noviciado, cheias de desejos ardentes de me coadjuvarem. Mostraram uma abnegação e dedicação heróica, nunca hesitando na sua vocação durante os dois anos que estiveram na Irlanda.

Não tinha eu neste tempo fortuna minha, para as poder sustentar. Era um princípio bem pobre, confiando só na Providência de Deus para tudo, mas assim começam as obras de Nosso Senhor.

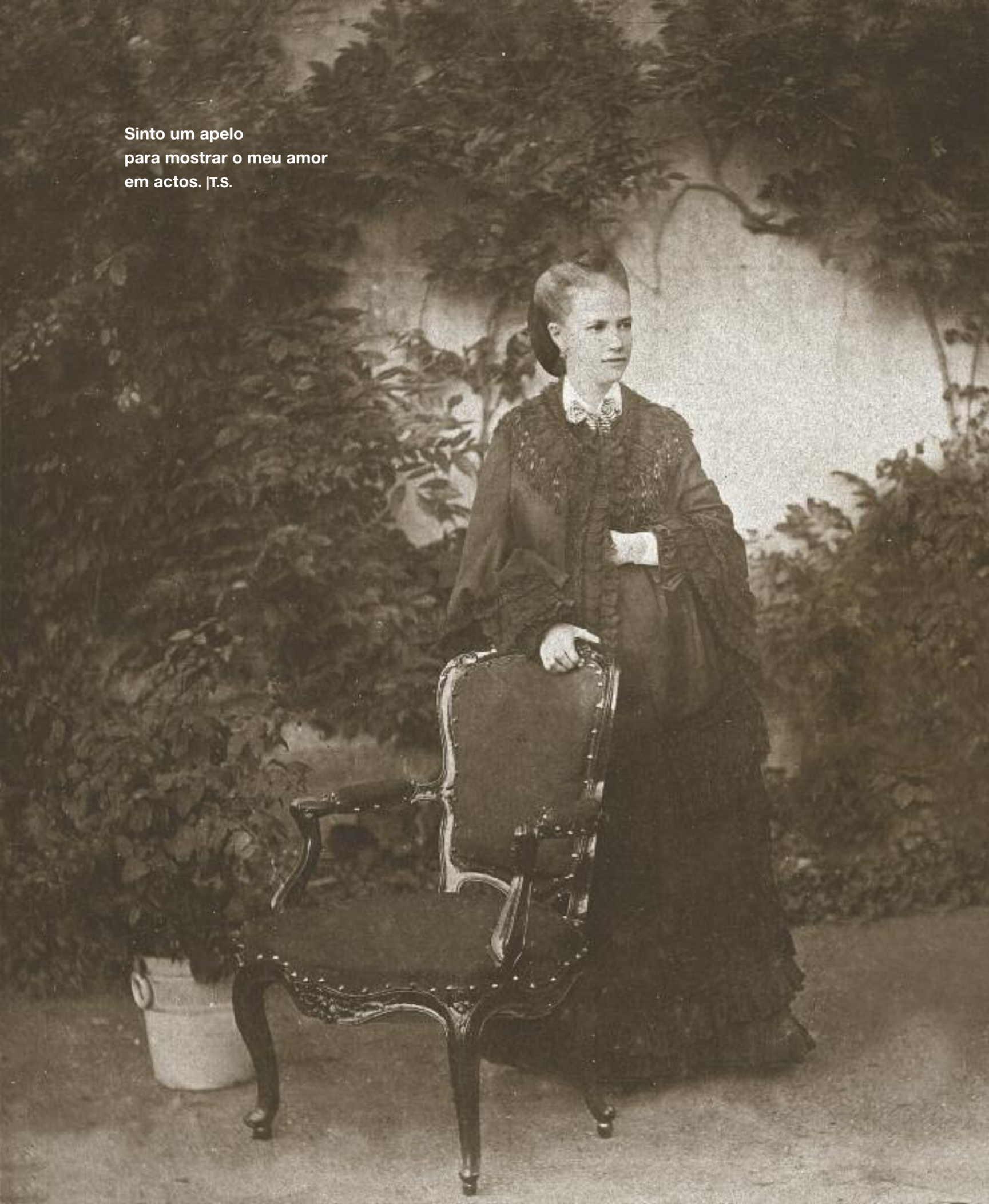
No dia 13 de Novembro de 1868, chegaram as primeiras Irmãs a Lisboa, e foram para uma pequena casa que eu tinha alugado, em Alfama, por ser um bairro onde viviam muitas crianças pobres. Tomaram logo a direcção interna do Asilo das Portas da Cruz. Assim principiou, com tantas dificuldades e poucos recursos esta Congregação que hoje se acha estabelecida em diversos países.

Com a chegada das Irmãs, começou para mim uma nova época de trabalho. De um lado tendo que atender às Irmãs, à Fundação e de outra parte aos deveres da família. Deus só sabe o que eu passei e sofri. Desde 1868 até 1877 que comprei Benfica jamais tive sossego, foram outros nove anos de angústia. Sofri mil desgostos, quantas apoquentações tive e por momentos julguei perder o ânimo. Mas, Nosso Senhor sempre me assistiu com a sua Graça!

No dia 2 de Outubro de 1878, fiz a minha profissão religiosa, graça de que estive privada para mais livremente adquirir meios e estabelecer solidamente a casa de Benfica que é a Mãe de todas as outras casas das Irmãs Dominicanas.

Nesta Casa de S. Domingos de Benfica vivi durante trinta e três anos e sempre fui muito feliz com Irmãs de diversos lugares de Portugal e também vindas de outros Países. *Benfica era como o céu na terra*. Mas, o impensável aconteceu. Em 1910, fomos todas expulsas desta casa. Nunca mais lá voltei… Fui viver, de forma clandestina, numa pequena casa alugada, apenas com duas Irmãs, na Rua Gomes Freire. Acompanhei, com alegria, as minhas Irmãs que, cheias de zelo e de coragem, partiram para outros países a fazer o bem, a anunciar a Palavra de Deus.

Pátio de entrada principal
da casa de São Domingos de Benfica



Sinto um apelo
para mostrar o meu amor
em actos. |T.S.

entre paredes
uma casa a contar histórias de vida emancipada

por **Rui A. Pereira**

Percorrendo os espaços envolventes do Convento deparamos com um jardim, adjuvante ao edificado, de formato retangular com formas geométricas em simetria verdejantes que põe em evidência o vigor da natureza. Trata-se de um elogio ao sublime: na corpulência e pluralidade botânica; na criação de atmosferas de luz e sombra; nos nichos fundamentados em paredes rochosas a simular grutas; num pequeno lago artificial que surge como um espelho de água; na fonte central com peixes e conchas a sobressair e em todas as representações escultóricas, de caracter neoclássico que por aqui se encontram. Estamos perante um espaço mágico, único, que por sinal se encontra rodeado pelo esplendor do manto verde do Parque de Monsanto.

Passados mais de um século após o adeus terreno de Teresa de Saldanha, juntamos nesta obra um conjunto de registos fotográficos nos quais destacamos a sua presença no centro do seu mundo escolástico, com meninas e irmãs, que com ela caminharam, aprendendo. Numa dessas imagens testemunhamos o reflexo dos retratados, justamente no espelho de água desta casa

Irmãs com grupo de crianças no colégio de Benfica.

convento: vemos rostos e corpos que assim irradiam e se dão a conhecer; são reflexos, sombras, o claro e o escuro projectado no papel impresso; são os eus no caminho de vidas que aqui se construíram e alicerçaram no conhecimento.

Este é um edifício que nos conta histórias de vida. Gente que, em cada dia de aprendizagem, aqui conquistou a sua autonomização, a sua liberdade aqui dita, lida e escrita. Neste lugar, no pulmão da cidade, dentro desta, dentro de cada ser que por aqui passou pode encontrar o afecto, a querença do bem-querer. Entre as paredes desta casa, houve-se o murmúrio, o som do saltar, do pular, do brincar aprendendo, sem parar. Entre quatro, entre todas as paredes desta casa, há histórias de vida para contar. Aqui se faz menina, se cresce escutando o calor do sol e se adormece no escuro macio nocturno, no sonho feito realidade.

Esta obra feita livro é, simbolicamente, um singelo reconhecimento à Mulher, à pedagoga e artista plástica que soube semear humanidade. Num tempo em que a prole, as filhas e filhos dos operários, tinham à partida, na sua quase totalidade, o destino traçado podemos afirmar que a acção de Teresa de Saldanha é inquestionavelmente essencial e decisiva no querer delinear uma sociedade mais justa, mais igual, mais solidária.

Este é um edifício que nos conta histórias de vida.
Gente que, em cada dia de aprendizagem,
aqui conquistou a sua autonomização,
a sua liberdade aqui dita, lida e escrita.
Neste lugar, no pulmão da cidade,
dentro desta, dentro de cada ser que por aqui passou
pode encontrar o afecto, a querença do bem-querer.

Numa outra fotografia meninas exibem os seus arcos de brincar, sentam-se no chão para falar, simplesmente posam para o "olha o passarinho". Este espaço é abraçado pelo edifício que se abre para o exterior. Aqui se vivenciou, se testemunhou o legado de um pensamento fundamentado na importância do saber. Esta casa abraça e respira o amor pelo seu semelhante. São muitos os olhares que aqui nos apreendem, são rostos doridos, vidas sofridas, almas perdidas, sem alento. Na verdade o mundo, o de lá fora, não lhes era amistoso. Muitas crianças nunca o foram, a vida era tão só o aspirar ao pão diário de sobrevivência, porque eram muitos os dias que nem conheciam migalha. Estas são fotografias a preto no branco, sépia, corroídas pelo tempo que passa, e que aqui prolongam a sua substância. Estas são meninas que puderam fugir à ignorância mais cega.

A Congregação das Irmãs Dominicanas de Santa Catarina de Sena sitiada no Largo de São Domingos de Benfica tem um historial de vida marcante e, não é demais afirmar que, ainda nos dias de hoje, segue o caminho de Madre Teresa de Saldanha ao acolher crianças violentadas, maltratadas, sem sentido. Esta é uma missão de vida de dedicação e esperança com horizonte. Transpor barreiras, pensar futuro é alicerçar memória para as gerações vindouras. Pensar num outro lugar melhor é seguir exemplos, é respeitar todo um legado com alento. Madre Teresa de Saldanha tem, de certa forma, aqui, um testemunho de uma vida extraordinária com traços inconfundíveis.

Ao percorrermos este painel tudo descreve um todo humano que declara paz, irmandade, faternidade.

fazer o bem
sempre

Neste mundo custa muito ter paciência com tudo e com todos. |T.S.

Teresa Saldanha
um espírito de grande tenacidade

por **Margarida Martins**

É com grande emoção que vivo esta homenagem a Teresa de Saldanha, em especial como mulher, porque me revejo na sua caminhada pela nossa independência, tendo a consciência perfeita de que, ainda hoje, de algo estarei a usufruir dessa determinação e vontade que guiou a sua vida de dedicação aos outros, principalmente a jovens mulheres. Pensando no seu legado a todas e todos nós, não podemos também de deixar de notar que todo o trabalho por si desenvolvido, é revelador de um espírito de grande tenacidade que muito me sensibiliza, dada a minha total comunhão com esta forma de existir, de dar aos outros. E é esse o espírito que penso deverá orientar a vida de cada um de nós, principalmente os que exercem função que é pública; o de pensar e trabalhar para os outros porque, sem eles, não temos razões de existir. E Teresa de Saldanha fez deste principio, a sua vida. Um exemplo que todos deveremos notar e esforçarmo-nos com tenacidade, por seguir.

Esta homenagem, tem que ser bastante mais do que simplesmente saldarmos uma divida de gratidão para com Teresa de Saldanha, tem que ser, para cada um de nós, a oportunidade para o inicio desta forma de estar. O de pensar e fazer sempre, para os outros. É por tudo isto que esta homenagem muito me emociona. Obrigada Teresa de Saldanha. Do coração.

Museu Madre Teresa de Saldanha
|em primeiro plano sino da Igreja do Convento de São José em São Domingos de Benfica, local onde Teresa de Saldanha edificou uma casa de educação e promoção do conhecimento

Benfica é como o céu na terra |T.S.

para que a memória nos permita construir **um futuro melhor**

por **João Carlos Afonso**

A vida de Teresa de Saldanha está indelevelmente ligada ao Município de Lisboa. Não apenas porque seu pai, João de Saldanha (1811-1872), foi Presidente e Vereador da Câmara Municipal de Lisboa (de 1858 a 1859), mas sobretudo pelo legado em termos de Direitos Humanos e Direitos Sociais que Teresa de Saldanha nos deixou, num tempo em que ainda não existiam os Direitos Humanos como os conhecemos hoje. A segunda metade do século XIX foi pródiga em lutas de mulheres pela conquista de direitos, desde o voto às condições de trabalho, passando por essa grande chave-libertadora de todos os indivíduos – a educação universal. Foi precisamente nesta última que Teresa de Saldanha se notabilizou. Embora tivesse uma mão afinada para a literatura e para a pintura, foi o acesso à educação para crianças vulneráveis, em particular as raparigas, que a mobilizou durante boa parte da sua vida.

Se pensarmos que nos dias de hoje as mulheres já são o maior universo humano nas escolas portuguesas, sobretudo nos níveis de formação superior, este dado não apaga uma história que sempre as penalizou no acesso ao espaço público, e que ainda hoje tem repercussões na participação das mulheres na esfera pública. Nas políticas atuais de promoção dos Direitos Humanos e Direitos Sociais ainda são necessárias medidas afirmativas que promovam uma maior participação das mulheres nos domínios públicos, desde a acção política à governação de empresas. Diria, simplificando, que ainda temos uma assimetria histórica que importa corrigir, em nome da justiça social e de uma sociedade desenvolvida. E é também este o legado de Teresa de Saldanha que aqui se homenageia, com esta exposição e com a sua presença intemporal nas ruas de Lisboa. Para que a memória nos permita, todos os dias, construir um futuro melhor!

Museu Madre Teresa de Saldanha
|espaço reservado a aguarelas da sua autoria, ao seu piano e pintura de Teresa da autoria de L. Campos, 1969

Arte com sonho
e fantasia
no jardim interior
da casa de Benfica

Teresa de Saldanha

[1837-1916]

Homenagem das Irmãs Dominicanas
e da Junta de Freguesia de Arroios,
no Centenário da sua morte,
8 de Janeiro de 2016.

O que torna a vida feliz é **fazer o bem, sempre.**
Teresa de Saldanha

Teresa de Saldanha nasceu a 4 de Setembro de 1837, no Palácio da Anunciada, Rua das Portas de Santo Antão, Lisboa. Teresa teve uma educação artística, onde aprendeu línguas, piano e pintura, tendo-se destacado nesta última, revelando grande talento para pintar paisagens, retrato ou motivos profanos e uma preferência pela iconografia religiosa. A sua mãe teve um papel preponderante em toda a sua orientação vocacional, iniciando-a, também, na prática da misericórdia através da Associação de Nossa Senhora Consoladora dos Aflitos, que fundou em 1849, e que se dedicava ao socorro das famílias que viviam na pobreza. Mais tarde, em 1858, iniciou, como voluntária, a educação de crianças pobres, na Escola de Santa Marta das Irmãs da Caridade Francesas.

Ao conhecer a extrema pobreza e o analfabetismo e iliteracia de muitas crianças e jovens, a par com a exploração das mulheres nas fábricas, deixou o seu conforto, e para as promover,

↑ pintura a óleo
Ecce Homo
e Mater Dolorosa
(Museu Madre
Teresa de Saldanha)

educar e defender, fundou duas instituições: em 1859, a Associação Protectora das Meninas Pobres, que abriu e subsidiou cerca de trinta escolas; em 1866, a Congregação das Irmãs Dominicanas de Stª Catarina de Sena para continuar a sua obra. Teresa foi a primeira mulher fundadora em Portugal após a extinção das ordens religiosas em 1834, fruto da sua personalidade forte, determinada, organizada e uma notável capacidade de liderança.

Foram vários os locais de Lisboa, onde abriu casas de educação e promoção, nos Conventos: Salvador, Cardais, Sacramento, Stª Joana; em Alfama, Rato, Estrela, S. Sebastião da Pedreira, S. Patrício, no Castelo, Anjos, S. José, S. Domingos de Benfica, Belém, Stª Isabel, Campolide, beneficiando muitas crianças e as suas famílias, e de Norte a Sul de Portugal abriu também escolas, pensionatos e dispensários.

Colocou os seus bens ao serviço desta ação sócio-educativa, dizendo: *Não duvido empregar os meus rendimentos numa obra útil à Religião que professo e amo, e ao país que me foi berço, e que desejo ver levantado no conceito entre as Nações verdadeiramente cultas e livres.*

Teresa da Saldanha ensaiou um método pedagógico baseado nos valores, na dignidade e na liberdade, centrado no amor. Procurou *educar e formar o espírito, o coração e a inteligência.* Acreditava que *da educação dos filhos do povo depende o destino das nações!*

Em 1910, Teresa, obrigada a abandonar as suas obras, viveu, clandestinamente, os últimos anos, na Rua Gomes Freire, 147, numa pequena casa, de onde governava a Congregação, espalhada pelo Brasil, Estados Unidos da América, Bélgica e Espanha.

Foi nesta pobre casa que faleceu, com fama de santidade, a 8 de Janeiro de 1916. Está sepultada no Cemitério de Benfica, onde muitas pessoas vão rezar pedindo e agradecendo graças. O seu Processo de Canonização decorre em Roma. A 14 de Dezembro de 2015 o Papa Francisco declarou a heroicidade das suas virtudes, reconhecendo-a como venerável.

Hoje as filhas e os *Amigos* de Teresa de Saldanha continuam a sua missão de *Fazer o Bem, sempre* em Albânia, Angola, Brasil, Moçambique, Paraguai, Timor e Portugal.

↑ **objectos litúrgicos / arte sacra** como expressão de fé
da Congregação das Irmãs Dominicanas
de Santa Catarina de Sena |Museu Teresa de Saldanha

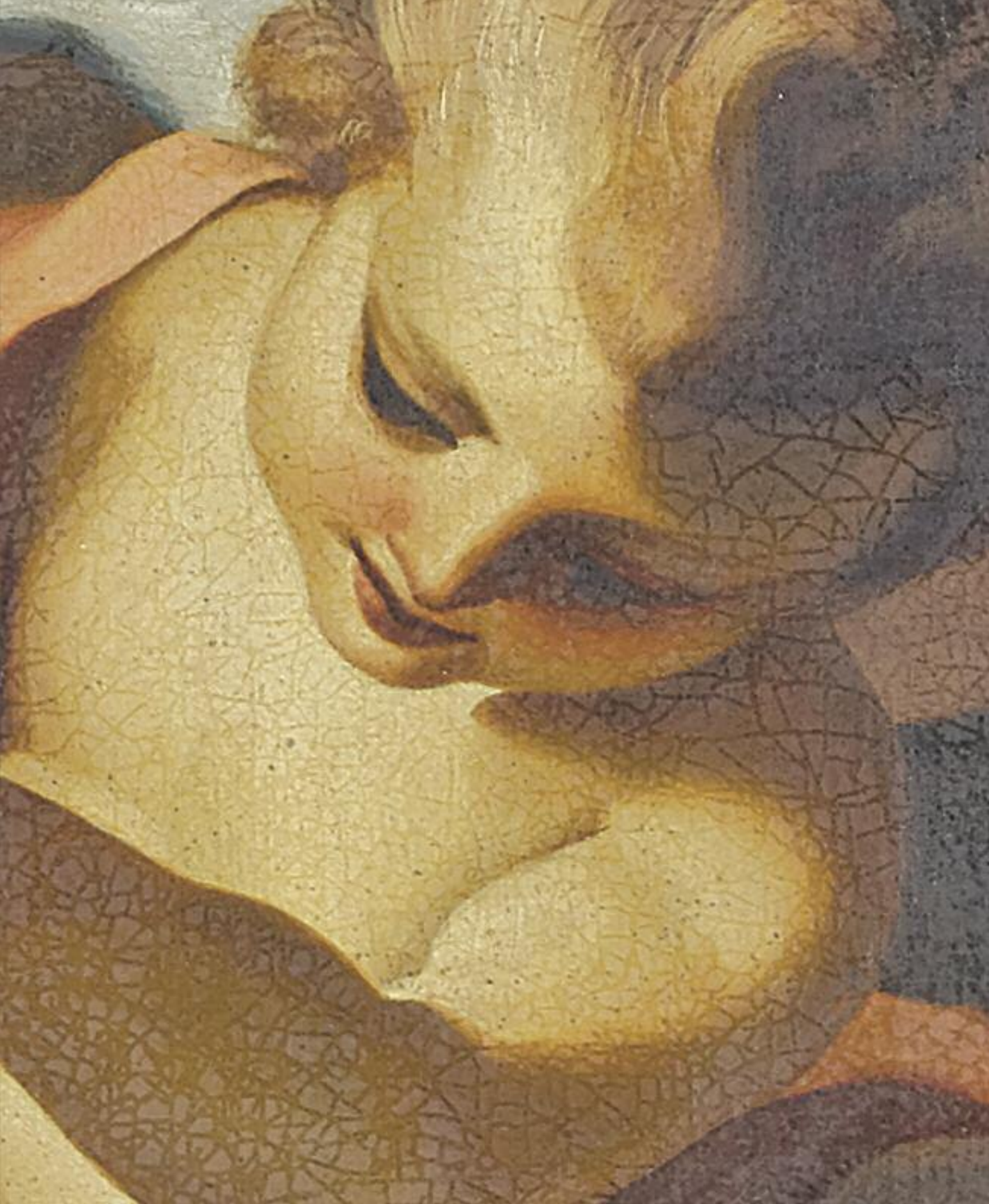
Museu Madre Teresa de Saldanha
|corredor com colecção
de desenho a grafite de sua autoria

Teresa de Saldanha

[1837-1916]

pintura e desenho

A produção artística de Teresa de Saldanha é, de alguma forma, um prolongamento vital do seu eu. É, no seu íntimo, o alento para a entrega à sua fé e ao dever de socorrer o seu próximo com o ensino para combater as barreiras da iliteracia. Teresa de Saldanha figurou com arte o seu vínculo à vida e soube com arte deixar um espólio significativo, não em quantidade, mas em qualidade estética que assim perdura no tempo. As técnicas de expressão artística que adotou são fundamentais para a delimitação de fronteiras no seu processo criativo: na pintura a óleo aclarou a sua religiosidade, o sagrado; no desenho a grafite nomeou a natureza para se aproximar da sua paz, força e mistério; na aguarela, abeira-se das gentes e do quotidiano.



Teresa de Saldanha **uma vida com arte**

por **Rui A. Pereira**

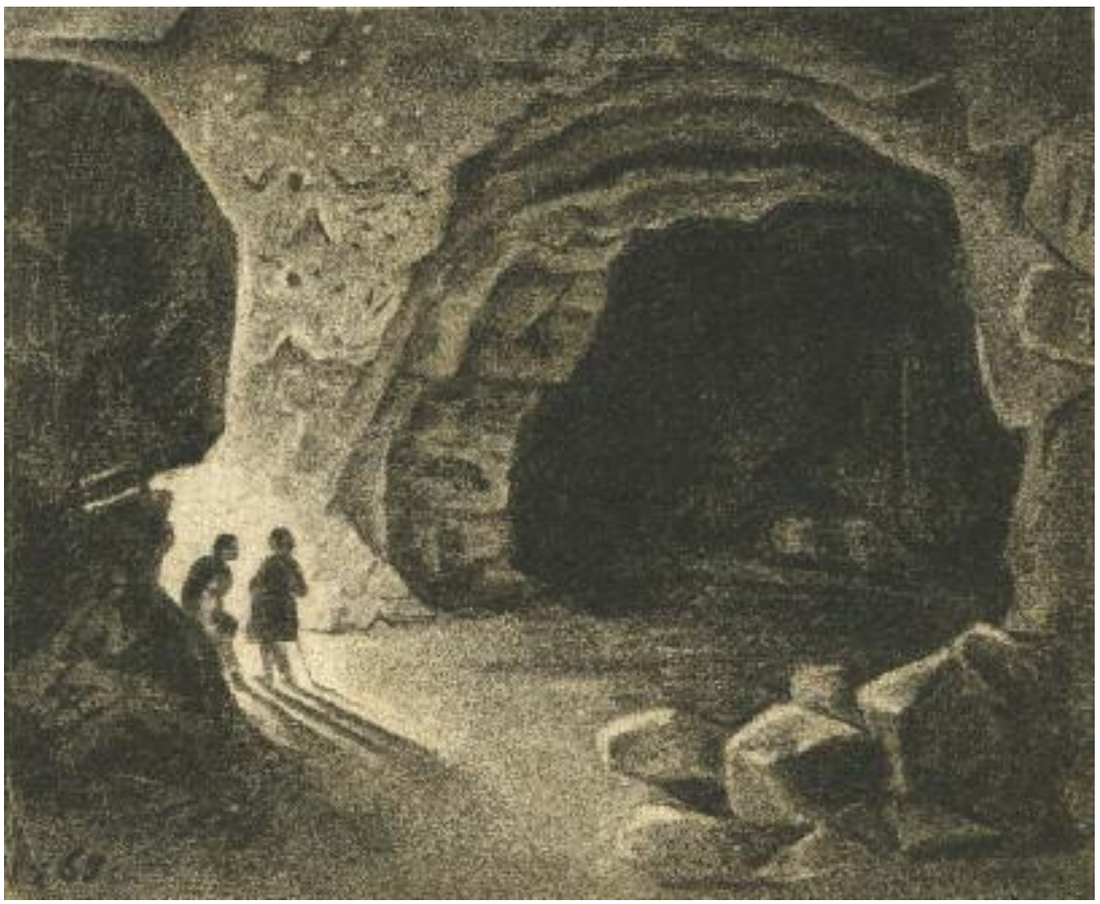
Madre Teresa de Saldanha (1837-1916), mestra, pedagoga, pensadora e artista plástica é uma referência obrigatória do seu tempo, em especial no feminino, mas também do nosso contexto nacional. A sua obra de índole sacra somada ao retrato e ao desenho a grafite, de índole mais naturalista, assinala de forma singular a sua mestria. Por outro lado, podemos afirmar que ela é uma expressão de emancipação no feminino. Numa sociedade marcadamente patriarcal onde as mulheres não tinham (e ainda não têm) os mesmos direitos, no acesso à educação, à cultura, ao trabalho, à vida singular livre, Teresa de Saldanha surge, no seu tempo, como uma força viva transformadora, absoluta, libertadora: uma mulher solidária que educou em especial meninas de famílias operárias para que estas pudessem aspirar a uma vida melhor, sem fome, longe da ignorância e do obscurantismo mais profundo.

barco com remador e homem com archote em subterrâneo
|desenho a grafite sobre papel |15X20,5 cm |não está assinado nem datado

A Congregação das Irmãs Dominicanas de Santa Catarina de Sena em São Domingos de Benfica ao albergar na sua sede um núcleo museológico sobre a vida e obra de Madre Teresa de Saldanha está a designar, com legítimo orgulho, uma missão socioeducativa significativa, tanto pelo seu valor, como pela sua amplitude adquirida ao chegar a outros lugares, outros povos, num universo que assim se alarga em saber e diversidade cultural, na Albânia, em Angola, no Brasil, em Moçambique, no Paraguai, Timor e em Portugal.

Podemos afirmar que Teresa de Saldanha viveu em função do outro, de nós, do futuro, sustentando a sua acção no seu lema “Fazer o bem sempre”.

No que toca à criação artística este pressuposto está sempre patente e podemos afirmar que o seu teor deambula por uma figuração devota à iconografia religiosa e também por motivos profanos e naturalistas. A grande diversidade temática e simbólica da sua obra revela representações expressivas, com um cunho marcadamente emotivo, que evidenciam, de certa forma, uma leitura que nos reporta para a nossa própria existência.



entrada de gruta com figuras humanas.
|desenho a grafite sobre papel |17X20 cm |assinado e datado: T.S., 69 (?)

Figurar é para Teresa de Saldanha caminhar pelo mistério da nossa própria presença, apreender transpondo o âmago humano e da própria natureza. Não é indiferente encontrarmos num dos seus traçados o interior de uma gruta ou de uma catacumba: uma embarcação a remos dirigida por dois homens abre, à luz de uma candeia, o caminho mais recôndito, o desconhecido. A saída não se antevê, no entanto a determinação de dois olhares no mesmo sentido, um braço erguido que se eleva e que alumia, e o remo em movimento decidido, determinam a saída que delonga com uma luz que espreita para lá da escuridão. O simbolismo desta representação reporta-nos para o enigma, na busca de um trilho esclarecido que se abre ao exterior, longe do submundo que se localiza abaixo dos vivos? Neste sentido o barco navega por águas que se dirigem para o mundo terreno ou para o mundo celeste das almas, o Paraíso?

Num outro desenho dois seres encontram-se num abrigo subterrâneo. Reconhecemos o lado obscurecido e o da luz que se abre frontalmente para a mulher como um chamamento, que dialoga com ela. O homem lateralmente aparenta algum temor, algum mal-estar? Será a despedida?

Aqui, neste instante, podemos adivinhar uma força simbólica: a gruta como abrigo e como narrativa entre o que nos é interior e o exterior, o que conhecemos das trevas e a descoberta da luz.

Por outro lado podemos referir que, da explanação sobre a obra em desenho de Teresa de Saldanha, depreende-se um reverenciar constante da natureza, das árvores, dos animais, do campo rural, do horizonte da planície, dos solos férteis e ou mais rochosos, o céu com nuvens a circundar e a água translúcida, ou a mais obstruída.

É um mundo onde a natureza, a fauna e a flora, surgem livres como o vento. Os coelhos e veados correm, os porcos banham-se, tudo se encontra em harmonia como em uma fábula de encantar. Através do olhar da autora podemos experimentar a profundidade espacial da Paisagem, o domínio do visível até o alcance da linha do horizonte, a força plena da natureza.

Neste lugar tudo é paz e é vida plena livre: entre montes e vales um par de casas emana da paisagem envolvida pela neblina; numa encosta junto ao mar o nevoeiro cerrado esbate o visível; noutro desenho árvores que, entre muros, se espreitam; na bruma mais profunda uma vila, ou uma cidade que assim se esbate; em locais de passagem ou de passeio habitam arcos, pontes e árvores, uma casa campestre e não há vivalma.

Por fim uma história com camelos, uma caravana de tendas armadas por uma excursão em viagem pelo deserto e é, neste local mais inóspito que vai reunir o maior número de humanos. Na verdade a sua presença surge, casualmente, em outros

↑ **paisagem esbatida com arvoredo e figuras humanas**
|desenho a grafite sobre papel
|21x16,5 cm |não está assinado nem datado.

← **paisagem com árvore e animais**
|desenho a grafite sobre papel
|23,3x16,5 cm |não está assinado nem datado

↑ **paisagem com pastor e rebanho** |desenho a grafite sobre papel |21,8x29,5 cm |não está assinado nem datado

← **árvore troncada** |aguarela s/papel |26x20 cm |não está assinado nem datado

trabalhos: em um camponês de vara ao ombro a passear a sua vara de porcos; na paisagem esbatida, arvoredo e um grupo de pessoas esfumam-se como um todo feito de luz e sombra (ver figura na pág. 111); e na escuridão das grutas, no meio da penumbra, figuras humanas iluminadas dão-se a conhecer.

No que concerne ao trabalho em aguarela, sobre papel, as personagens aqui apresentadas são coloridas a sépia e a cor na sua plenitude: uma família, com o seu rebento menina, no centro das suas atenções, passeiam-se de barco a remos; em retratos descreve um pintor e uma menina que nos olha frontalmente e noutra aguarela senhora com uma menina aperaltada dão esmola a rapaz descalço que vive a rotina da pobreza, dos sem tecto, dos sem pão, dos sem acesso à educação dos sem pão. Nesta mesma figuração surge um cão testemunha deste gesto de bondade. Num mundo desigual e injusto o amigo cachorro parece abanar o seu rabo como um aceno de alegria e regozijo. (ver figuras nas páginas que se seguem)

↑ **família chegando de barco** |aguarela s/papel: 21,8x27 cm |não está assinado nem datado

← **senhora e menina dando esmola a rapaz** |aguarela s/papel |23x19,5 cm |assinado e datado: T S, 60

Os figurantes aqui apresentados/retratados aludem-nos a um quotidiano do seu tempo e a lugares por si vivenciados. São gente que, com as suas vestes, com os seus adereços, revela elementos sociais distintos: diferenciador da sua origem social, dos seus costumes e da própria moda de então. São em si, também, autênticas ilustrações de figurinos e palcos de uma época, que, deste modo, entram em cena. Com as suas vestes e todos os objetos de uso e de adorno, como colares, laços, laçarotes, penteados, lenços, saias e saiotes, sapatos caracterizam a cultura e extracto social popular ou abastado.

A ilustração em aguarela foi a técnica eleita por Teresa de Saldanha para evocar, para traduzir tempo em imagem. As suas imagens são uma experiência por si habitada, observada e escutada. A autora retracta memória: é a imagem da sua mãe, são os seus familiares, amigos, são os transeuntes e gentes que passam, é lembrança que alcança o espaço e o tempo de um lugar.

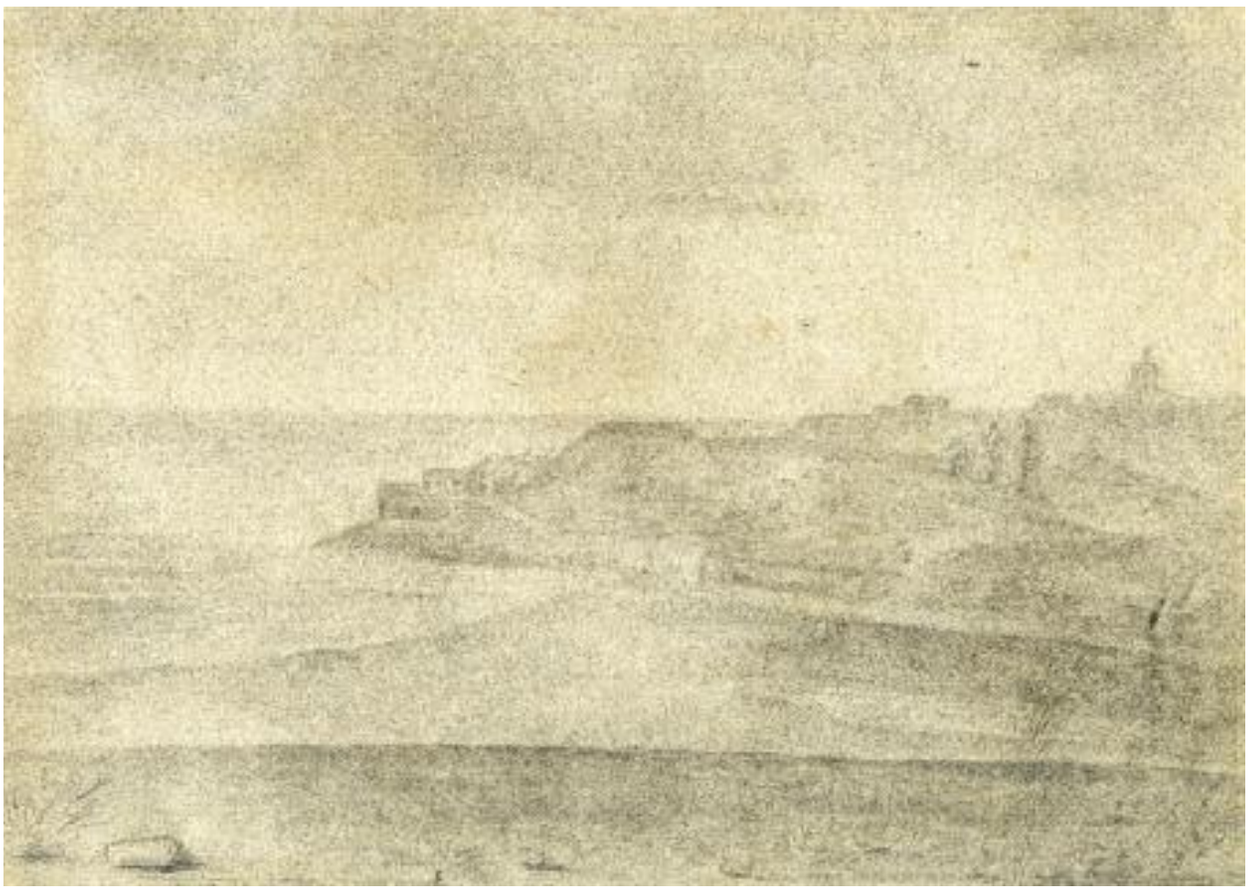
école des jeunes filles

↑**pintor** |aguarela sobre papel |21x18 cm |maio 1854 – **retrato de menina** |aguarela sobre papel |17x17,5 cm |abril 1854 ↑

← **menina à porta da escola** (Escola das Irmãs de S. Vicente de Paulo, francesas)
|aguarela sobre papel |23x19 cm |assinado e datado: T S, 60

Ainda no que toca à grafite, o desenho desta autora, evidencia com o claro-escuro, um nível ilimitado de gradações que manifestam de forma exímia o cair e nascer de um novo dia. Teresa de Saldanha gera ambientes algo nostálgicos, de lugares, de terras distantes que esclarecem permanentemente a força da natureza. Como um manto de neblina a sua obra envolve os nossos sentidos. São desenhos, em suporte de papel, que nos transportam para um mundo amistoso: sem fome, sem guerra, como uma casa que é o nosso habitat e que nos acolhe e protege de qualquer intempérie. Aqui a vida é uma ponte, são grutas, é uma passagem para um outro lugar que aqui se dá a conhecer.

Um lugar sem maldade e aí entram as aguarelas que ao ganharem aguadas de cor fala-nos do nascimento de uma menina desejada e também de uma menina que se aconchega ao seu livro como se este rematasse o seu rosto: um livro como um rosto emancipado no feminino. A porta da *école des jeunes filles* surge um hino ao saber, com meninas de sorrizo aberto a exibirem contentamento. Noutras duas aguarelas uma menina e um pintor encontram-se à espreita.



A produção artística de Teresa de Saldanha é, de alguma forma, um prolongamento vital do seu eu. É, no seu íntimo, o alento para a entrega à sua fé e ao dever de socorrer o seu próximo com o ensino para combater as barreiras da iliteracia. Teresa de Saldanha figurou com arte o seu vínculo à vida e soube com arte deixar um espólio significativo, não em quantidade, mas em qualidade estética que assim perdura no tempo. As técnicas de expressão artística que adotou, na sua generalidade, são fundamentais para a delimitação de fronteiras no seu processo criativo: na pintura a óleo aclarou a sua religiosidade, o sagrado; no desenho a grafite nomeou a natureza para se aproximar da sua paz, força e mistério; na aguarela, abeira-se das gentes e do quotidiano.

↑ **paisagem com costa marítima**
|desenho a carvão sobre papel |11,5x25,8 cm
|não está assinado nem datado.

← **Ecce Homo** (pormenor)
|óleo sobre tela |47x43 cm
|não está assinado nem datado

Nesta obra reside uma força enérgica simbólica e iconográfica
de sofrimento, sacrifício e amor
como se esta rompesse com a noite mais sombria, a das trevas.

Nas representações de teor religioso de Santa Maria, ou Mater Dolorosa, e de Cristo com lágrimas de sangue a escorrerem do seu rosto estamos perante duas expressões máximas de entrega e dor.

Os seus olhares arrebatadores, fixam o céu como se nos encaminhassem para o sublime, para o céu. A atracção eminente pela força solitária de cada uma destas imagens é evidente. Dificilmente se poderá ficar indiferente a estas duas obras.

Estamos perante um “Ecce-Homo” e uma “Ecce--Femina” e evoco estas duas obras porque são duas representações máximas de sofrimento, força e mistério.

Ecce-Homo, eis o Homem, rei ou senhor dos homens, martirizado, subjugado e com a coroa de espinhos. Jesus amordaçado e torturado é condenado à morte, até conquistar o estado pleno da “Liberdade”. Estas duas telas marcam um momento, simbólico da História da luta pela emancipação dos povos perante a forma mais atroz da prepotência. O contraste do claro/escuro, o recorte dos rostos iluminados com cores quentes, ardentes e a expressividade intensa, ampliam toda uma densidade dramática dos representados. A coloração do panejamento enrugado que pousa no tronco de Cristo enlaça o tormento mais sanguinário.

Teresa de Saldanha em toda a sua obra sacra impregna as suas representações com toda uma caracterização simbólica e iconográfica de sacrifício e amor como se rompessem a noite mais sombria, a noite das trevas.

↑ **Mater Dolorosa**
|óleo sobre tela |49,5x44,5 cm
|não está assinado nem datado.

← **Ecce Homo**
|óleo sobre tela |47x43 cm
|não está assinado nem datado

A capacidade técnica desta autora é notória e adquire um realismo que invoca piedade. Noutra pintura um anjo assiste ao momento em que Santa Rosa de Viterbo abraça Jesus Cristo, filho de Deus crucificado. Teresa de Saldanha consegue caracterizar este enlace com uma ambiência plástica de grande intensidade expressiva: define o contraste entre o iluminado e o que é possuído pela penumbra, ou pela total obscuridade. A Artísta Plástica associa o efeito físico da luz na superfície, das sombras, da tinta e da sua matização, com uma delicadeza que sugere um deslizar afectuoso do próprio pincel ao longo da tela. A nudez de Jesus é em si um sinal de desprendimento, de desapego e de liberdade perante a humanidade. Esta é uma obra que abraça o amor incondicional. Teresa de Saldanha soube com a sua pintura e na vida expressar a entrega a uma missão na terra, um apelo para que se construa um lugar que aclama fraternidade.

Santa Rosa de Viterbo |óleo sobre tela |86x75 cm
|não está assinado nem datado

↑ paisagem com ponte.
|desenho a grafite sobre papel |21,5x28,7 cm
|não está assinado, nem datado

---

paisagem com
duas pequenas casas e palmeiraso→
|desenho a grafite sobre papel
|16x23 cm |datado: 1869

---

paisagem e árvores →
|desenho a grafite sobre papel |22x30,8 cm
|assinado e datado: Teresa de Saldanha, 1863

↑ **paisagem urbana** (pag. anterior)
|aguarela sobre papel: 22x28,5 cm
|não está assinado nem datado

---

paisagem com morro e árvores→
|desenho a grafite sobre papel: 22X29 cm
|não está assinado, nem datado

---

paisagem com árvores, casa e regato →
|desenho a grafite sobre papel: 22X28 cm
|assinado e datado: Teresa Saldanha, 1856

---

paisagem do Norte de África
|desenho a grafite sobre papel: 16,7x22,7 cm
|não está assinado nem datado↓

Auto retrato em família
(irmãos: D. António e D. José de Saldanha Oliveira e Sousa
e cunhada, D. Maria Isabel d'Anunciação)
|óleo sobre tela: 1,35x91,5 cm

|em cima, fotografia do álbum da família Rio Maior
que serviu de base para a criação deste óleo

↑ **rapariga do lenço**
|óleo sobre tela: 64x53 cm |não está assinado nem datado

---

rapariga com cesto ao ombro
|óleo sobre tela: 76x59,5 cm |não está assinado, nem datado ↑

← **retrato de jovem rapariga** |óleo sobre tela: 71x57 cm |não está assinado nem datado.

↑ **retrato de sua mãe**,
Condessa de Rio Maior, D. Isabel Maria de Sousa Botelho.
|desenho a grafite sobre papel: 37x26 cm
|assinado e datado: Teresa de Saldanha, Novembro de 1852

---

retrato de menina
|desenho a grafite sobre papel: 33x29 cm.
|assinado e datado: Teresa de Saldanha, Maio de 1851 ↑

← **retrato de jovem rapaz** |desenho a grafitesobre papel: 23x23 cm
|assinado e datado: Teresa de Saldanha, Fevereiro de 1851

↑ **retrato de sua mãe**,
Condessa de Rio Maior, D. Isabel Maria de Sousa Botelho
|aguarela sobre papel: 23x20 cm.
|assinado e datado: Thereza de Saldanha, 1852

---

retrato de jovem rapaz
|aguarela sobre papel: 19x19 cm.
|assinado e datado: Thereza de Saldanha, 1852 ↑

← **auto-retrato** |desenho a grafite sobre papel: 37x29 cm
|assinado e datado: Thereza de Saldanha, Juin de 1851

← **retrato de menino**,
|desenho a grafite sobre papel: 20x20 cm
|assinado e datado: Thereza de Saldanha,
24 sep^{bre} 1851

↑ **Retrato de seu pai**, 3º Conde de Rio Maior, D. João de Saldanha Oliveira e Sousa
|desenho a grafite sobre papel: 25x25 cm |assinado e datado: Teresa de Saldanha, novembro de 1851

retrato do irmão mais velho, D. António José Luís, futuro 1º Marquês de Rio Maior.
|desenho a grafite sobre papel: 21X20 cm |assinado e datado: Teresa de Saldanha, Juillet 1851↑

↑ **retrato de jovem rapariga**
|desenho a grafite sobre papel: 30X27 cm
|assinado e datado: Teresa de Saldanha, julho de 1851

---

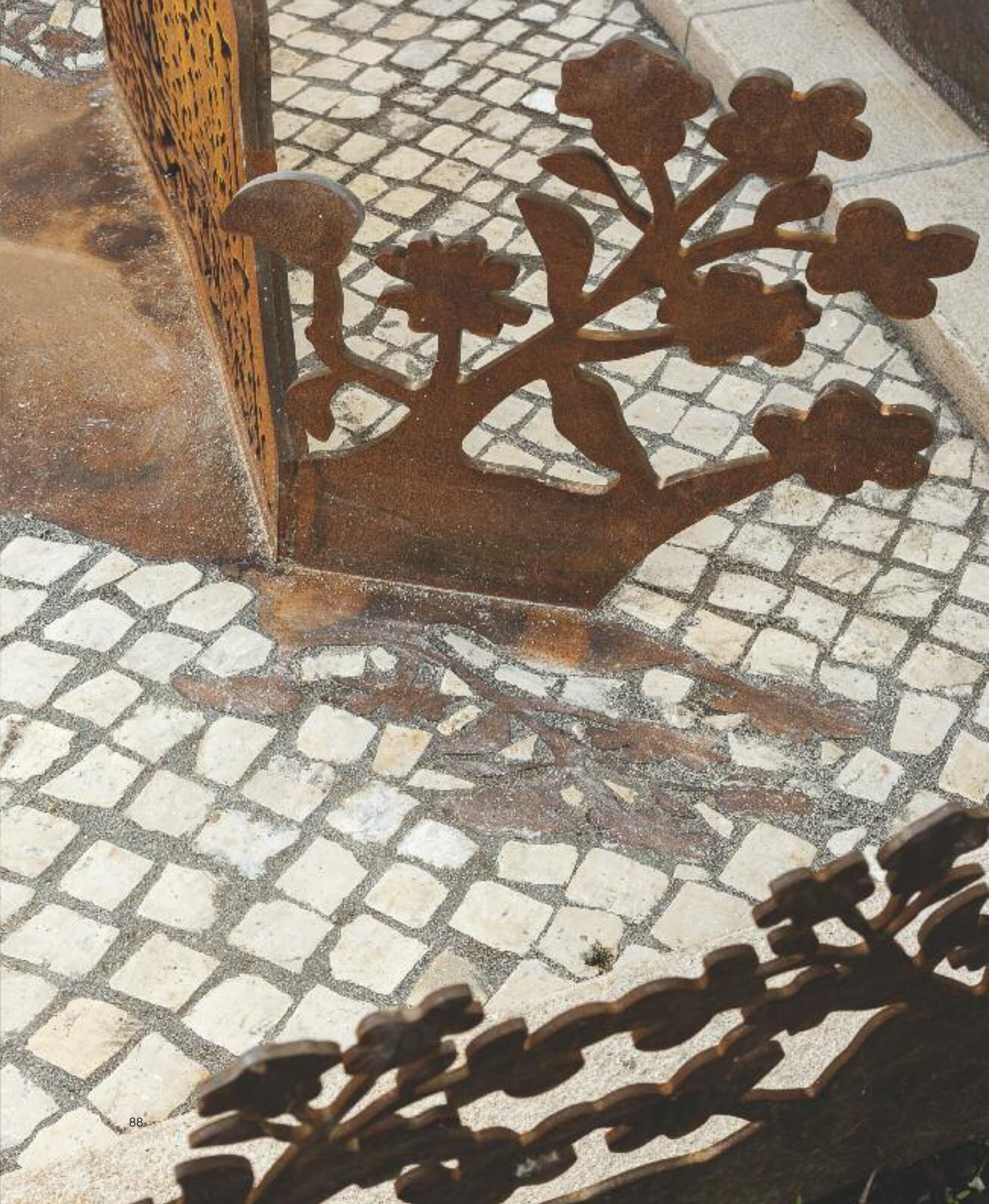
retrato de prima, Mª Joaquina Saldanha da Gama ↑
|desenho a grafite sobre papel: 21X20 cm
|assinado e datado: Teresa de Saldanha, novembro de 1851

retrato de jovem dama →
|desenho a grafite sobre papel: 33,5x23 cm
|datado: janeiro de 1851
|este desenho foi datado em junho de 1987 através da leitura comparativa do traço, no decorrer da investigação efectuada no Palácio da Anunciada, desconhecendo-se a sua existência até àquela data. Revelou-se ser o 1º desenho conhecido de Teresa de Saldanha.

memorial a
Madre Teresa de Saldanha

comemorações dos 100 anos
da sua morte [1837-1916]

autor **Rui A. Pereira**



memorial a
Madre Teresa de Saldanha
[1837-1916]

No dia **8 de janeiro de 2016**, as Irmãs Dominicanas e a Junta de Freguesia de Arroios assinalam o centenário da sua morte, inaugurando uma obra escultórica na Rua Gomes Freire, local onde Teresa de Saldanha viveu os últimos anos da sua vida.

A escultura da autoria de Rui A. Pereira
foi inaugurada pela presidente da Junta de Freguesia de Arroios, Margarida Martins,
pelo vereador dos Direitos Sociais, João Afonso,
e pela Irmã Rita Maria Nicolau, Superior Geral da Congregação das Irmãs Dominicanas de Santa Catarina de Sena, congregação que Madre Teresa de Saldanha fundou em 1868.

Esta obra escultórica nasce precisamente onde Teresa de Saldanha viveu até ao dia 8 de Janeiro de 1916, dia em que faleceu. Esta peça enaltece a Mulher numa vida de entrega à causa do saber e do conhecimento, tendo sempre como pressuposto a dedicação aos outros. Apresenta-se na sua casa de aberta ao mundo. Uma expressão que no feminino é humanidade e um clamor à própria natureza: um recanto, um jardim em flor que sorri à vida que perdura: o seu exemplo é assim retratado num lugar na cidade onde viveu. |por **Rui A. Pereira**

147

Quando se sabe
o que se deve fazer,
é só caminhar
e com ânimo. |T.S.

Tudo descreve um todo humano que declara paz, irmandade, faternidade.

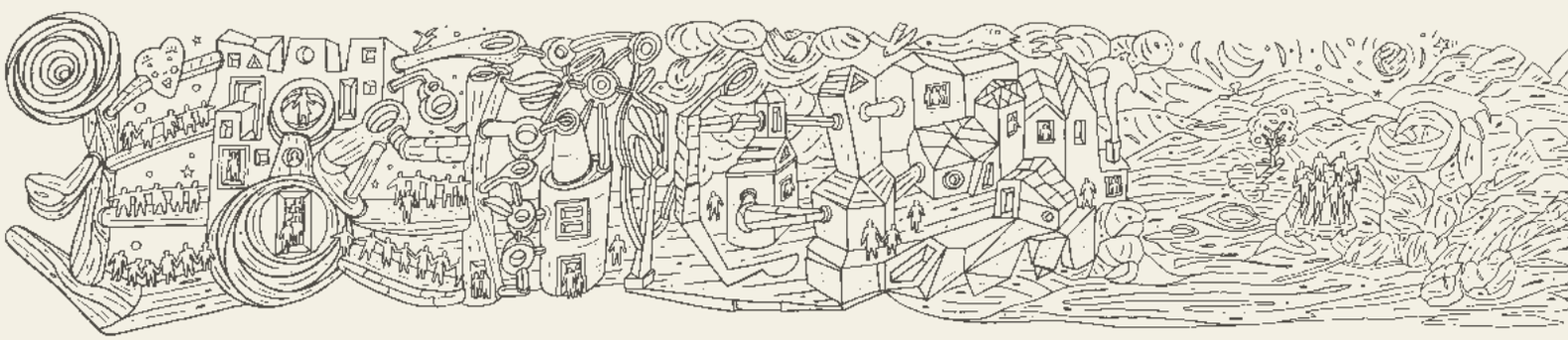
Madre Teresa do Saldanha [1837-1916]

mural “um novo sentido de fraternidade”

desenho gravado
na parede em baixo relevo

autor **Rui A. Pereira**

Um novo sentido de fraternidade é a manifestação de uma força de vida plena que tem como seu semblante uma Mulher com a envergadura de Madre Teresa de Saldanha. Apresentar esta obra mural à entrada da sede geral da Congregação das Irmãs Dominicanas de Santa Catarina de Sena, em S. Domingos de Benfica, em Lisboa é, simbolicamente, identificar e engrandecer toda uma obra humanitária de grande relevância. Esta obra mural solicita o nosso olhar para o Mundo que nos rodeia e que nos abriga como um manto da Terra gravado na nossa memória colectiva: a existência Presente, o Passado e também o alento que é o Futuro. O desígnio é registar gravando dando-lhe um sentido mágico. Este é um muro que se abre a todos os nossos sentidos como se navegássemos por mares e rios em busca do horizonte; como se caminhássemos por lugares recônditos, planícies, vales e montes; como se nos abrigássemos da maior intempérie em grutas ou no habitat terreno mais acolhedor e amistoso. Apreendemos a floresta mais faustosa e uma cratera de um vulcão adormecido. Tudo são árvores, arbustos, raízes, a raiz da natureza e a humana, a do pensamento, a génese, o abraçar, o dar as mãos, pontes, cruzamentos, vida mútua, sangue que corre nas nossas veias, corrente transformadora a "Fazer o Bem Sempre". Este é um mural que narra um caminho sem barreiras, como um eco libertário universal: um mundo sem guerra, sem ódio, sem vingança, sem rancor, sem opressão nem exploração de nenhum género. Este é um lugar que se abre ao voo de um pássaro livre, sem medo. Ao percorremos este painel encontramos todo um manto terreno e celestial esvoaçante e tudo descreve um todo humano em fala, num diálogo firme que declara paz, irmandade, fraternidade; um mundo que se abre ao sonho e ao imaginário mais intérmino. Recordar Madre Teresa de Saldanha é pensar Mundo, é reavivar um espírito solidário. O seu estímulo de vida era, no essencial, abraçar a terra ajudando os desamparados, os sem rumo. Compreender a sua presença é absorver a importância de estarmos e sermos juntos: um colectivo humano, onde todas e todos contam. Estimar o seu legado é dar alento ao conhecimento e a todos os saberes que tanto soube estimar, ao fomentar o ensino. A educação surge-lhe como contraponto ao obscurantismo, à ignorância, e torna-se um alicerce básico para abrir portas, ao ajudar a muitas meninas de famílias operárias e as mais carenciadas que viram assim, em meados do século XIX, a luz do saber, do saber ler e do escrever: emancipar no feminino. Esta obra mural Memorial cinzelada como uma xilogravura, em grandes dimensões, amplia toda uma sua narrativa, como se tratasse de um manifesto vivo para as Mulheres e Homens que ambicionam um mundo melhor. |por **Rui A. Pereira, autor do mural**



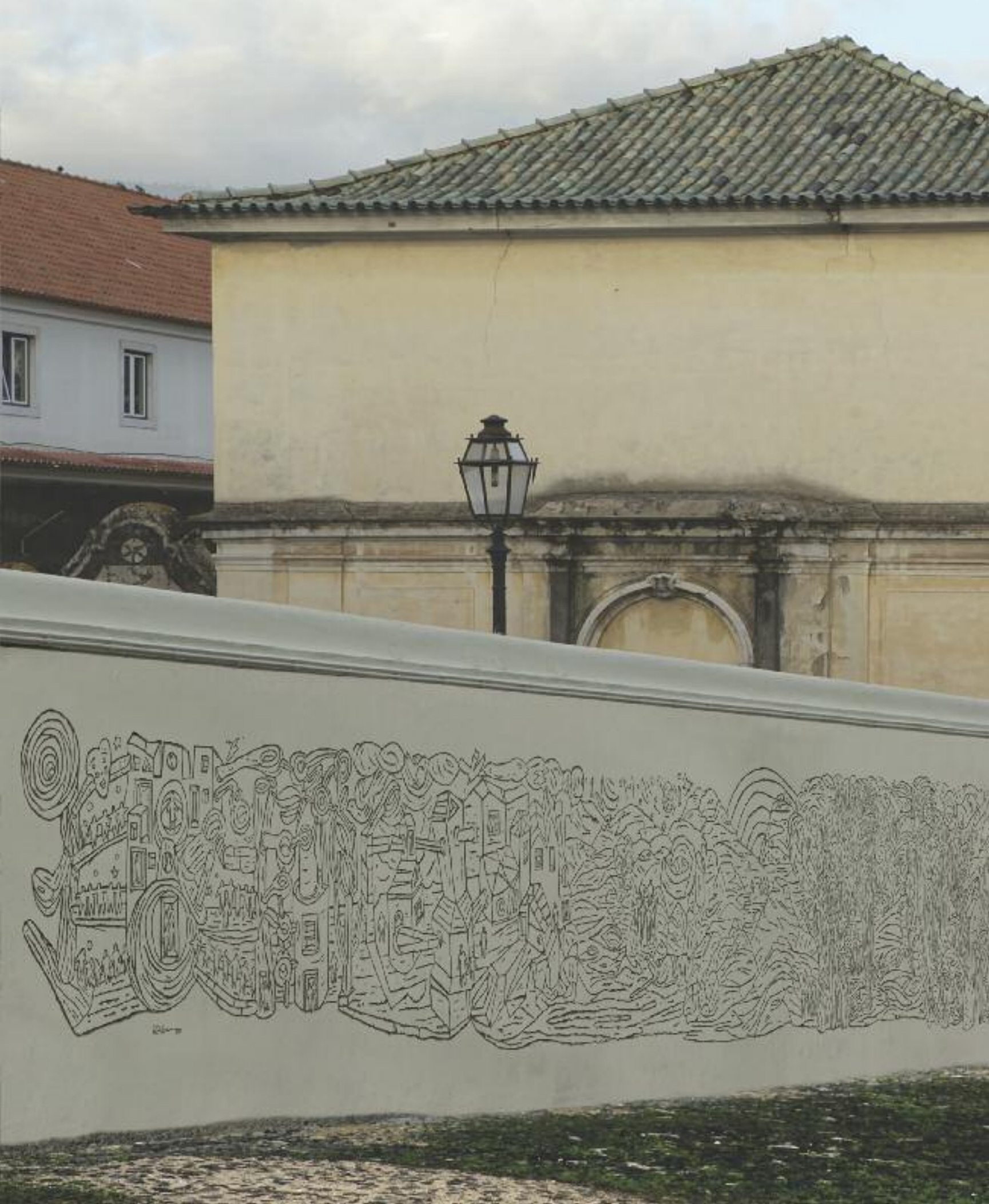
Madre Teresa do Saldanha [1837-1916]

mural “um novo sentido de fraternidade”

desenho gravado na parede
em baixo relevo

Congregação das Irmãs Dominicanas de Santa Catarina de Sena, Largo de São Domingos de Benfica nº 14, casa onde viveu Teresa de Saldanha de 1877 a 1910. Aqui fez a profissão religiosa, em 1887 na Congregação por ela fundada, ao serviço da evangelização, da educação, da promoção dos direitos humanos e da emancipação da mulher. Irmãs de diversos países aqui se congregaram à sua obra, e daqui partiram em 1910 para semearem o seu carisma, em novas culturas e geografias. Hoje a LUZ do seu carisma ilumina outros povos, através das Irmãs e Amigos que actualizam o seu lema programático. FAZER O BEM SEMPRE em Portugal, Brasil, Angola, Moçambique, Albânia, Timor Leste e Paraguai. |Dezembro **2020**

Recordar Teresa de Saldanha é pensar Mundo, é reavivar um espírito solidário.



Nunca devemos pensar que fizemos bastante, devemos desejar fazer sempre mais. |T.S.

Cada um deve
agradecer a Deus
os talentos que recebe,
mas conservar-se
na mesma humildade
e pequenez. |T.S.

Consola-me muito ver
a maneira como o bem
se vai fazendo. |T.S.

Desejo ser como uma criança nas mãos de Deus e seguir as suas aspirações. |T.S.

A

generosidade vence todas as dificuldades.
Vamos caminhando devagar e silenciosamente.
A paciência é remédio para tudo.
Consola-me muito ver
a maneira como o bem se vai fazendo.

Thereza de Saldanha

Congregação
das Irmãs Dominicanas
de Santa Catarina de Sena

Congregação das Irmãs Dominicanas de Santa Catarina de Sena
Sede, Largo de São Domingos de Benfica nº 14, Lisboa